
**DA FEMINISTA "MACHA" AOS HOMENS SENSÍVEIS:
O FEMINISMO NO BRASIL E AS (DES)CONSTRUÇÕES DAS
IDENTIDADES SEXUAIS**

MELINA IZAR MARSON

Este artigo analisa, através de uma perspectiva feminista, a questão da desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos e a busca de construção de novas identidades sexuais por homens e mulheres, tal como se colocam em momentos específicos de modernização e crescimento - como os ocorridos em São Paulo durante os anos 1970-80 ou no início deste século, nos anos 1910-20. O leitor provavelmente deve estar se perguntando: O que tem o feminismo a ver com isso? Ou, antes disso, o que vem a ser esta desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos?

Vamos por partes. Nas últimas décadas deste século, assim como nas últimas décadas do século passado - períodos de grande mudança socio-econômica no país, o fenômeno da desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos pode ser facilmente percebido. São inúmeras as referências ao "fim dos tempos", ao caos que se aproxima com homens se afeminando e mulheres se masculinizando, com a maior visibilidade do homossexualismo e da prostituição, com a liberação sexual, com a AIDS, etc. Há insegurança quanto ao futuro, medo de uma possível androginia generalizada, de uma bissexualização de toda humanidade. O que dizer a respeito das manifestações de inquietação e até indignação frente a Fernando Gabeira em tanga de crochê, ou diante de Leila Diniz grávida, de biquíni, num completo desrespeito à "instituição da maternidade"? As reações da época, no geral, eram manifestas através de expressões do tipo "Aonde nós vamos parar?!" ou mesmo "É o fim do mundo!!". E a imprensa neste período, principalmente os jornais feministas e as revistas femininas são especialmente sensíveis a estas transformações nos papéis sexuais, e por isso mesmo constituem material privilegiado para esta análise.

Este medo é causado pela desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos, ou seja, pela alteração nos padrões de masculinidade e feminilidade vigentes. Essa desestabilização ocorre quando os papéis socialmente construídos para o homem e para a mulher em uma determinada sociedade se modificam e chegam até a se confundir, tornando os limites entre o tipicamente masculino e o tipicamente feminino quase que imperceptíveis. Ora, se já não se pode mais diferenciar o homem da mulher e vice-versa, qual será o futuro da humanidade?

Vale ressaltar que quando me refiro a papéis ou padrões de comportamento masculino e feminino, estou falando de imagens, de discursos normativos, de estereótipos socialmente construídos sobre o que é ser homem e o que é ser mulher em um determinado contexto, e não sobre *a* mulher ou *o* homem como categorias universais. E como esses papéis são imagens de uma dada sociedade em um período específico, são também passíveis de transformações conforme esta sociedade se altera. Desde o final do século XIX, quando o Brasil começou a se modernizar e a se industrializar, as imagens masculinas e femininas sofreram muitas alterações, visto que a sociedade neste período também se alterou profundamente. De lá para cá, o país tornou-se uma República, ingressou no capitalismo mundial com a industrialização e o trabalho assalariado, as cidades se urbanizaram, houve um desenvolvimento dos meios de comunicação, da informática, passamos por ditaduras militares, pela "revolução sexual", por movimentos alternativos, entre muitos outros fatores. Seria inimaginável, há cem anos, pensar em uma mulher de cabelos curtos, de calças jeans (unissex), trabalhando e se expressando livremente no espaço público como faz o homem, tal como é a imagem feminina largamente difundida a partir dos anos 70 pela imprensa brasileira, principalmente pelas revistas femininas como *Cláudia*, *Mais*, *Nova* e *Desfile*; seria também impensável um homem com cabelos longos, roupas coloridas, brincos, cuidando de uma criança ou cozinhando.

Mas, e o feminismo? Em que as reivindicações feministas e o movimento de emancipação da mulher desestabilizaram as fronteiras simbólicas construídas entre os sexos? Vários autores que abordam o

tema da alteração nos padrões de identidade sexual concordam que o feminismo com suas reivindicações de igualdade entre homens e mulheres e com sua crítica à sociedade patriarcal burguesa contribuiu, e muito, para as crises das identidades sexuais.

Na medida em que o movimento feminista colocou em questão a ordem social-patriarcal vigente e buscou a igualdade das mulheres frente aos homens, ele acabou por questionar também as noções de masculinidade e feminilidade. Seria o homem, como até então se achava, superior à mulher, mais inteligente, mais racional, mais prático? Seria a mulher só beleza, maternidade, submissão, docilidade e afeto? Tudo isso a partir das primeiras reivindicações feministas no início do século e posteriormente com o "movimento feminista organizado" nos anos 70, passou a ser questionado, e a mulher (em especial a feminista) não mais se enquadrava nesta antiga imagem de feminilidade, passando a procurar então uma nova identidade para si. O próprio homem, na medida em que vê a emancipação feminina e sua entrada no espaço público, que antes do feminismo era por excelência masculino, passa então a se questionar e busca, ele também, redefinir-se, tendo em vista a nova imagem feminina que surge - o "Marlboro Man" dá lugar ao "soft man"¹.

Alguns trabalhos recentes vêm discutindo este tema mostrando como as alterações sociais e culturais causadas pela modernidade, pelo feminismo, pelo homossexualismo em evidência e por muitos outros fatores abalam as identidades sexuais, fazendo com que a sociedade revele seu medo diante da quebra das demarcações entre os sexos.

Jacques Le Rider, em um estudo sobre a modernidade e as identidades sexuais na Viena *fin de siècle* coloca que:

"A época de 1900 é vivenciada por seus contemporâneos como o desmoronamento das certezas e dos valores tradicionalmente 'viris', que cedem lugar a 'subconjuntos vagos',

¹ Veja-se a este respeito, BADINTER, Elisabeth. *XY de la identidad masculina*. Colômbia, 1994; LE RIDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. S.l., Civilização Brasileira, 1992; SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*, Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

*a papéis sexuais redistribuídos nos quais parece que a feminilidade leva a melhor."*²

Em meio a esse "desmoronamento", é claro o medo masculino frente à feminilização do homem e à emancipação da mulher, expresso através de uma forte misoginia presente em autores como Nietzsche, Baudelaire, Weininger e outros. Segundo Le Rider, esse medo pode ser entendido da seguinte forma:

"(...) o novo status das mulheres nas cidades grandes, onde as diferenças entre os sexos são cada vez menos perceptíveis no trabalho e na vida cotidiana, onde a 'aura' da feminilidade se degrada em imagem publicitária de massa ou em prostituição, não parece ser desassociada da experiência lírica do poeta 'feminilizado', identificando-se com as heroínas do protesto contra os tempos modernos.

*(...) a modernização desencadeia o desmoronamento das identidades sexuais e as conseqüências desse fato são maiores para a cultura. E em Baudelaire, como na maior parte dos espíritos masculinos atentos a este processo, o mais virulento antifeminismo, 'a afirmação viril' contra a feminilização da cultura se alinham com a identificação com algumas figuras femininas de predileção."*³

Também Elisabeth Badinter, após seus famosos estudos sobre o mito da maternidade, em recente obra aborda a questão da identidade masculina problematizando a questão da desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos, e constatando como o feminismo causou uma verdadeira crise de masculinidade⁴.

² LE RIDER, Jacques. *Op. cit.*, p. 183.

³ Idem, p. 205.

⁴ BADINTER, Elisabeth. *Op. cit.*, p. 19.

"Na realidade, o feminismo ocidental mais que confundir as referências, o que fez foi mostrar o rei nu. Ao acabar com a distinção entre os sexos e tomar sistematicamente todos os campos que antes estavam reservados aos homens, as mulheres desmontaram o que caracterizava universalmente o homem: sua superioridade sobre a mulher."

O trabalho da crítica literária feminista Elaine Showalter completa este pequeno apanhado sobre os recentes estudos que têm como foco a crise das identidades sexuais, mostrando como o medo da "anarquia sexual", ou seja, da não distinção entre os sexos, esteve presente no *fin de siècle* e se repete neste fim de século, através de estudos da literatura, do cinema e da arte inglesa e norte-americana nestes dois períodos. Segundo Showalter,

"O que era mais alarmante no fin de siècle era a impossibilidade de a sexualidade e os papéis sexuais serem contidos dentro dos limites simples e permanentes da distinção sexual. Homens e mulheres não estavam mais nitidamente identificados e isolados como no passado."⁵

Showalter também, como Le Rider e Badinter, destaca a importância do feminismo para essa crise das identidades sexuais, na medida em que este questionou a sociedade patriarcal e as próprias identidades sexuais:

"O feminismo, o movimento das mulheres e o que foi chamado de 'Questão da Mulher' desafiavam as tradicionais instituições do casamento, do trabalho e da família.(...) Observam Gilbert e Gubar que 'para muitos homens do final do século XIX e início do século XX, as mulheres pareciam agentes de um outro mundo que despertavam a raiva e a angústia,

⁵ SHOWALTER, Elaine. *Op. cit.*, p. 23.

*enquanto para as mulheres daquela época os homens pareciam defensores aflitos de uma ordem indefensável."*⁶

Percebe-se como a partir das reivindicações e conquistas feministas, a identidade masculina se desestrutura e a própria identidade feminina se redimensiona. A imagem tipicamente feminina, que era construída em oposição e inferioridade ao masculino - a mulher é o fraco, o homem o forte; a mulher é o sensível e emocional, o homem é o frio e racional; a mulher é o privado e o homem é o público, etc. - altera-se, já que a mulher se infiltrou no território masculino, incorporando as características, a sociabilidade e os comportamentos masculinos. Assim, a própria imagem masculina desaba, já que o homem, antes tido como a referência, como superior, como o padrão social, não consegue mais distinguir-se com a mulher se masculinizando: o homem então é superior a que, já que as mulheres estão se tornando iguais a ele? Como o homem se caracterizava por sua superioridade ao feminino, sua identidade sexual entra em crise quando as mulheres passam a exigir igualdade. A partir das críticas feministas à masculinidade e à sociedade como um todo, nasce o homem sensível, fragilizado, que se questiona quanto ao que caracterizava a sua masculinidade e busca o direito à sensibilidade e aos sentimentos, antes tidos como exclusivamente femininos. Se as mulheres podem incorporar o masculino, por que os homens não incorporariam o feminino?

O feminismo, ainda, além de colocar em xeque a masculinidade, acaba por (voluntária ou involuntariamente) desorganizar as referências da feminilidade. Na busca de uma nova identidade feminina que fuja dos estereótipos de inferioridade frente ao homem, as feministas acabam por serem vistas (e até mesmo incorporar tal imagem) como não-femininas, como não-mulheres. Daí a visão, até hoje bastante difundida, da feminista como "mulher feia e mal amada" que por isso mesmo se mete em assuntos masculinos, como disseram os "rapazes do Pasquim", por meio de charges

⁶ Idem, p. 20-21.

e piadinhas nos anos 60 e 70 ou ainda Oswald de Andrade no início do século⁷ - ou seja, a imagem da feminista é de uma anti-mulher, uma negação da feminilidade. Mas que nova identidade sexual é essa que se constrói a partir da negação? Ocorre também uma desestabilização dos referenciais femininos, da mesma forma que a identidade masculina também se altera.

Obviamente, o feminismo não é o único fator responsável pelas alterações nos papéis sexuais, mas sim se alia a várias outras transformações e movimentos que ocorrem em uma dada sociedade, contribuindo para este processo de desestabilização. E falo em processo pois não são alterações que ocorrem rapidamente, mas sim pequenas ou grandes transformações que vão sendo incorporadas às identidades sexuais, fazendo com que estas estejam sempre em construção. Há uma dinâmica; as identidades não são naturais, fixas, ou se transformam num piscar de olhos.

Feitas estas observações preliminares, pode-se mais facilmente identificar o vínculo entre o feminismo e a desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos. Podemos agora passar ao objeto central deste artigo, ou seja, o feminismo no Brasil e as crises de identidade sexual, privilegiando os períodos em que o movimento feminista teve maior destaque na sociedade, ou seja, entre as últimas décadas do século XIX e o início deste século, com as reivindicações sufragistas e nas décadas de 1970/80/90, com o "movimento feminista organizado".

O período compreendido entre o final do século passado e as décadas iniciais deste século é marcado por profundas transformações sócio-econômicas que juntamente com as primeiras reivindicações feministas, desestruturam as referências sexuais. É o momento de formação do mercado livre de trabalho, início da República e aquele em que as cidades assistem a um profundo crescimento, acarretando mudanças

⁷ ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão, sob as ordens de mamãe*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. O autor descreve as sufragistas inglesas que conheceu em uma viagem a Londres como "mulheres secas e machas que se manifestavam como se manifestava o operariado", p. 69.

nos padrões de comportamento e fazendo emergir novos códigos de sociabilidade⁸. A imprensa da época mostra claramente como todos estes fatores, e em especial o feminismo, provocaram uma insegurança geral quanto ao futuro, a partir do momento em que as mulheres passaram a adentrar no espaço público - no lugar do homem. Um artigo do jornal paulista *Semanário Catholico Popular O Operário*, de 08 de julho de 1934, por exemplo, que tem como título "O trabalho da mulher fora do lar é prejudicial e anti-patriótico", mostra claramente essa insegurança masculina e o medo em relação ao futuro, com as mulheres "tomando o lugar dos homens":

"Contrista ver milhares de pequeninos brasileiros perecendo, passando privações de toda a sorte, ao lado de milhares de mães esqueléticas, sofrendo as maiores agruras da vida porque o chefe da família está desempregado. O seu lugar foi tomado por uma mulher protegida, que vai ganhar só para luxo e divertimentos. Oh! Isto revolta! Onde está o patriotismo dos governos que não olham para o futuro da raça?"

Em outras palavras, o autor quis dizer: que futuro o país terá com mulheres exercendo atividades masculinas? E mais ainda tomando o lugar do homem, tirando-lhe o emprego. Certamente, foi um violento golpe à masculinidade, na medida em que o homem não mais podia demonstrar sua superioridade em relação à mulher através do trabalho, já que o mesmo trabalho por ele exercido torna-se perfeitamente executado por uma mulher. Este e outros inúmeros artigos da imprensa da época, carregados de forte misoginia, demonstram o medo de uma possível "anarquia sexual", das mulheres se masculinizando e do caos que se aproximaria.

⁸ Veja-se a este respeito MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo; De comunidade a metrópole*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, e RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite; Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. 1890-1930*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

No final deste século, também ocorrem transformações sociais tão relevantes quanto as ocorridas entre o final do século passado e início deste século. A ditadura militar promove com uma violenta repressão política a industrialização pesada, o país se moderniza rapidamente devido aos avanços da tecnologia, surgem os movimentos reivindicatórios de minorias, explode a "revolução sexual", ocorre um grande desenvolvimento dos meios de comunicação de massas, etc. Todos estes fatores (e as conseqüentes mudanças nos padrões de comportamento deles decorrentes) aliados ao movimento feminista, atuam no sentido de desorganizar as fronteiras que separam os sexos. A negação da identidade feminina pelas feministas acaba por desestruturar não só a masculinidade, questionando-a, como também a própria feminilidade. Um artigo de Eliane Robert de Moraes, publicado no jornal feminista *Mulherio*, de julho/agosto de 1984, demonstra claramente já no próprio título - "Feminista é mulher?" - esta perda das referências sexuais pelas mulheres, em especial pelas feministas. Diz o artigo, em relação à imagem difundida da feminista como não-mulher, não-feminina:

"Talvez seja saudável assumirmos - pelo menos hipoteticamente - que o feminismo pode também ter alguma culpa no cartório quanto à construção dessa imagem. Não haveria algo no interior mesmo da proposta feminista que recusaria a feminilidade? Ou isso se daria apenas na prática política do movimento?" (...)

"O que me parece mais grave nisso tudo é que à idéia de uma verdadeira mulher se contrapõe uma outra: a da falsa mulher. Atestador da feminilidade, do mesmo jeito que aquelas a quem contesta, o feminismo estaria dizendo quem é e quem não é. O mesmo processo de exclusão." (...)

"De outro lado, há algo que poderíamos chamar de 'prazer da feminilidade', com o qual o feminismo ainda lida com dificuldade."

Há claramente expressa neste artigo a busca de definição de uma nova feminilidade pelo feminismo, a tentativa de encontrar a "verdadeira

mulher", que fuja dos estereótipos da "falsa mulher", mas que consiga ser vista - e não apenas ver-se - como feminina. E nessa busca pelo novo e desprezo pelo antigo, a feminista acaba sem uma identidade sexual claramente definida, oscilando entre a "verdadeira mulher" e a anti-mulher.

Estes são apenas alguns exemplos, pinceladas da insegurança gerada pela perda das referências sexuais na sociedade brasileira. Afinal, de que maneira o movimento feminista participa da desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos que se observa no país nesses dois períodos de acentuada transformação social? A participação feminista na crise das identidades sexuais será percebida aqui através de uma análise da imprensa feminina e feminista destes respectivos períodos.

1890-1930: ABRE ALAS: AS MULHERES PEDEM PASSAGEM

Em 1899, uma mulher, Chiquinha Gonzaga, compõe a marchinha carnavalesca "Ó Abre-Alas", uma das mais famosas e regravadas marchinhas até hoje, e se consagra como compositora. Nos anos 20, a anarquista Maria Lacerda de Moura pregava a emancipação feminina e o ideário anarquista. Quase que simultaneamente Bertha Lutz lutava pelo sufrágio feminino, e surgiam revistas como *A Mensageira* e a *Revista Feminina*, que traziam o ideal da emancipação da mulher através da educação, lutando pelo seu direito à cidadania e pela condição de igualdade intelectual frente aos homens. As anarquistas, desde os anos 1900, falavam em "greve dos ventres" como estratégia de revolução, e lutavam pelo direito à livre maternidade. Patrícia Galvão - a Pagu - torna-se musa do Movimento Modernista dos anos 20 e uma de suas principais participantes. As ruas das grandes cidades na época - como São Paulo e Rio de Janeiro - já contam com a presença da mulher e a figura da melindrosa aparece como uma nova imagem feminina. Nestas mesmas cidades, a prostituição torna-se mais evidente com o aparecimento das zonas de meretrício e dos cabarés. Desde o início do século, a presença feminina nas indústrias e repartições públicas cresce e se torna mais visível.

Quais as imagens tipicamente femininas neste período? Que mulher é essa, que compõe, estuda, trabalha, cuida da família, educa os filhos, quer votar, faz greve dos ventres, prostitui-se, torna-se musa modernista, é anarquista e melindrosa? Ou melhor, que mulheres são estas? Qual a identidade da mulher brasileira neste período? Difícil delimitar.

O sexo-frágil, o belo-sexo, parece não ser mais tão frágil assim; porém continua belo. As mulheres brasileiras a partir do final do século XIX foram ganhando espaço nas ruas, nas fábricas, na música, na literatura, nas artes plásticas, nas universidades, e passaram a reivindicar seus direitos - em especial o direito ao voto, à cidadania. Nesta época, pela primeira vez no Brasil, as mulheres pediram o "Abre alas que eu quero passar". Não que a música de Chiquinha fosse feminista ou lutasse pela emancipação da mulher, mas as feministas, estas sim, exigiram passar.

O movimento feminista neste período pautava-se basicamente pelo direito ao voto, mas havia outras reivindicações. Como não havia um movimento feminista organizado, podemos destacar a presença de dois importantes grupos que pregavam a emancipação feminina: as feministas liberais (mulheres burguesas de classes mais elevadas), que queriam, além do sufrágio feminino, a emancipação intelectual da mulher para que esta pudesse contribuir assim para a formação moral (burguesa, é claro) das futuras gerações - este projeto remete à máxima "Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher", mas note-se bem, por trás. Já as feministas libertárias (mulheres anarquistas) buscavam a emancipação plena da mulher - emancipação intelectual, financeira e amorosa - e de toda a sociedade, através da implantação do ideário anarquista. Ambos os projetos de emancipação feminina, apesar das diferenças, conferiam um papel de relevância a ser desempenhado pela mulher na constituição da futura sociedade (seja ela burguesa ou anarquista) - promoviam uma nova identidade feminina, uma nova feminilidade - como se percebe na imprensa feminista da época.

Típicas representantes do feminismo liberal, as revistas paulistas *A Mensageira* (que circulou de 1897 a 1900) e a *Revista Feminina* (que circulou de 1914 a 1936) traziam a imagem da feminista como uma

mulher moderna, burguesa, atenta aos valores de seu tempo⁹. Não havia contestação radical à ordem social vigente e nem aos valores burgueses, apenas a exigência de que a mulher tivesse acesso aos mesmos direitos dos homens. A maternidade era vista como o principal papel da mulher, sua principal missão; para isso ela deveria se emancipar intelectualmente, para que pudesse melhor educar e formar as futuras gerações.

Percebe-se este ideal em vários artigos destas revistas, como em "Entre amigas", que diz o seguinte:

*"Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, funda, indestrutivelmente, no espírito de seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos de progresso e de paz das nações."*¹⁰

É uma apologia dos valores burgueses, mas contanto que a mulher seja considerada como igual e, mais ainda, como peça fundamental para a construção da sociedade futura, na medida que educa os filhos e consolida a moral do trabalho e da família nos padrões vigentes.

Em um artigo da *Revista Feminina* de janeiro de 1923, este ideal também transparece, e se percebe claramente como a industrialização e a modernidade influíram na construção deste pensamento, na medida em que as funções femininas anteriores se remodelaram, como toda a sociedade, e esta nova sociedade exige, assim, uma mulher mais preparada, instruída, mais capaz:

"Mas atualmente as condições mudaram: surgiu a grande indústria, pouco a pouco a maior parte dos serviços passou a ser feita fora do lar. Começou com o fabrico de tecidos. Em seguida a indústria estendeu-se a outros ramos. Os próprios gêneros

⁹ Veja-se a este respeito LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da mulher - A revista feminina (1918-1925)*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1991.

¹⁰ "Entre amigas", in *A mensageira*, n. 01. São Paulo, 15.10.1897.

alimentícios deixaram de ser fabricados em casa, limitando-se muito o papel da mulher. Por fim ficou-lhe o papel da educadora e mãe. Mas, este também se tornou mais complexo. As exigências maiores da civilização moderna exigem da mulher um certo preparo que antigamente não era necessário, para que possa seguir cabalmente o desenvolvimento dos filhos. A própria maternidade exige um nível superior."

Já para as feministas libertárias, o trabalho, e não somente a educação da mulher, é que tinha um papel fundamental: seria ele que iria garantir a libertação feminina, para que a mulher se livrasse da dominação masculina (do pai ou do marido que a sustentam), para que não precisasse mais vender-se no casamento - podendo escolher a quem amar - ou para que não precisasse se prostituir. A revista *Renascença*, de Maria Lacerda de Moura é um exemplo da imprensa feminista-libertária, onde se constata este outro projeto para a mulher, para que ela se emancipe economicamente, engaje-se em lutas políticas e, assim, transforme a sociedade¹¹. Em um artigo publicado na *Renascença* n. 05, de julho de 1923, chamado justamente "A Principal Emancipação Feminina", constata-se este projeto de emancipação feminina via trabalho, como se pode perceber:

"(...) reafirmamos, e reafirmaremos sempre com profunda convicção, que a verdadeira emancipação feminina é a do trabalho. A mulher educada no preparo de qualquer rendosa profissão - e ela tem provado no respectivo desempenho, que a competência é igual à do homem - não tem receio do futuro, nem se preocupa com a idéia de que ele lhe proporcione um bom

¹¹ Sobre Maria Lacerda de Moura, veja-se LEITE, Miriam Moreira. *A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Ática, 1984, e RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

ou mau marido, nem mesmo a oprime a expectativa de não conseguir aquele que deseja.

"Amparada pela linda profissão, em vez de aceitar o ambicioso marido-arrimo, ela pode escolhe-lo, porque o seu trabalho lhe garante a independência, a felicidade."

É interessante notar que a proposta libertária avança além da proposta liberal no sentido de proporcionar à mulher o direito à escolha do par e até mesmo o direito ao amor livre - isto é, que as mulheres tenham o direito a ter desejos e se exprimir como quiserem, não se prendendo eternamente ao casamento. É avançada, ainda, porque por trás destas propostas está embutido o direito da mulher ao prazer e ao corpo, a usá-lo como bem entender. A sugestão de uma "greve dos ventres", por exemplo, vai nessa direção: ao sugerir que as mulheres não mais tenham filhos para que possam se engajar na luta política e para não dar mais braços ao Capital, as anarquistas estão, na realidade, pregando o direito ao corpo, a métodos contraceptivos quando desejados e ao sexo desvinculado da procriação - o direito ao prazer, como o usufruem os homens.

Num artigo da revista anarquista *Aurora*, de autoria de Joana Dubois, intitulado justamente "A greve dos ventres", a autora prega a greve como estratégia revolucionária, mas acredita que, mesmo com o anarquismo onde as mulheres teriam direito à educação integral e à livre maternidade, nem todas as mulheres vão querer ter muitos filhos. Diz o artigo:

"(...) Não nos parece, pois, errôneo, dizer que a diminuição dos nascimentos, efeito do pauperismo por um lado, pode, por outro lado, aumentar a velocidade do movimento revolucionário.

(...) Conclusão: Não me limito a reivindicar a livre maternidade: considero a fecundidade natural como um dos perigos sociais, e não à maneira de Malthus como perigo social. Em qualquer época, quer se trate da escravatura passada e presente ou da liberdade futura, quer se trate das relações dos homens entre si e com as forças da natureza, as condições da

procriação e as condições do trabalho parecem-me ser da mesma importância."¹²

Pode-se imaginar o que tais idéias e reivindicações causaram à masculinidade. Como poderia uma mulher, uma simples e inferior mulher, querer ter prazer, querer votar, querer se instruir, querer trabalhar e, ainda, negar - como as anarquistas - a sua mais sublime função, a maternidade? Estariam elas querendo se tornar homens? As reações iam da misoginia à sátira, passando pelo desprezo; mas sobretudo se constata o medo. Medo da mulher não mais procriar, medo da mulher (e em especial da feminista) virar homem, medo da mulher substituir o homem no trabalho, em suma, medo de o homem não mais conseguir se mostrar superior à mulher.

A imprensa deste período demonstra claramente este medo. São freqüentes as referências à mulher tirando o emprego do homem, tomando-lhe o lugar na sociedade, como transparece no artigo "Misoginia e Filoginia", onde o autor coloca que o feminismo e as reivindicações femininas sobre direito de trabalhar e de estudar são desnecessários, já que a função principal da mulher é ser mãe e educadora, e ela pode se dedicar a estas funções no lar, sem sair para o espaço público. Diz o artigo:

*"... se o lar foi, historicamente, uma conquista da mulher, e se ele é a pedra angular das sociedades, do Estado, de toda a humanidade, será justo aceitar que a mulher abandone sua mais bela e nobre conquista, para, doidejante, correr ao enlaço de honrarias efêmeras, ao azar da politicalha, no jogo eterno da bolsa das ambições humanas?"*¹³

Ou seja, procura-se justificar a permanência da mulher no privado e sua dependência e inferioridade em relação ao homem como se isso

¹² DUBOIS, Joana. "A greve dos ventres", in *Aurora*. São Paulo.

¹³ "Misoginia e filoginia", in *Nossa Terra*, n. 20. Rio de Janeiro, 23.10.1919.

fosse um privilégio feminino, uma dádiva concedida pelos homens. As feministas, nesta leitura, são mulheres ingratas, que não conseguem reconhecer a benevolência masculina e almejam entrar no "jogo das ambições humanas" - leia-se ambições masculinas. É misoginia disfarçada de caridade; pois assim o homem continua se mostrando superior, aquele que concede o privilégio à indefesa mulher, e as identidades sexuais se mantêm com os mesmos referenciais - o homem superior e a mulher inferior.

Ainda sobre o trabalho feminino e a entrada da mulher no espaço público, a revista feminista/anarquista *Renascença*, de Maria Lacerda de Moura, também constata esta insegurança masculina, no já citado artigo "A principal emancipação feminina", em que a autora fala sobre os anti-feministas e os que julgam que a mulher não deve estudar nem trabalhar e a justificativa de uma superioridade masculina, como se vê no trecho:

"Claro que nesta obstinada opinião se sente, latente e ridículo, o medo da parte de uns, à concorrência a empregos e profissões; e de outros, à falência ruinosa do seu estulto autoritarismo e superioridade em relação à sua companheira - ao que eles estão secularmente acostumados.

(...) E com que sarcástico displante repetem constantemente: (Oh! eterna e pungente ironia!) - 'Que mais querem as mulheres? Não têm elas o primeiro lugar na sociedade, não têm tudo em primazia?' Aparentemente, é verdade, mas no fundo, essas diferenças calculadas são concedidas por esmola, com a capa ignominiosa da hipocrisia, de uma humilhante magnanimidade porque dispensada ao ente considerado positivamente inferior (...)"¹⁴

Em relação às reivindicações políticas feministas, em especial o direito ao voto, as reações masculinas passavam, geralmente, pelas sátiras, numa clara intenção de menosprezar a mulher para assim mantê-la em

¹⁴ "A principal emancipação feminina", in *Renascença*, n. 05. São Paulo, julho 1923.

seu lugar - a casa - e, principalmente, com sua identidade sexual inalterada - inferior e oposta ao homem. Essas sátiras e charges mostravam a feminista como feia e masculinizada, ou seja, como não-feminina. O artigo "As mulheres, a política e a defesa nacional" é um bom exemplo. Nele, noticia-se a proposta de um general, segundo o qual as mulheres, se desejassem votar, deveriam também servir o exército. O comentário da revista é o seguinte:

*"Sendo, como se sabe, em geral pouco bonitas as mulheres que andam metidas em política, conduzi-las ao serviço militar obrigatório seria dotar o exército, com economia e facilidade, de vastas baterias de artilharia pesada. Toda a gente sabe que é impossível fazer a guerra moderna sem canhões."*¹⁵

A intenção de desprezo acerca do feminismo e da feminista é claro. "Política é coisa de homem", e as mulheres só se interessariam por ela se fossem demasiado feias que não conseguissem se casar, passando então a se dedicar a outros assuntos. A feminista é a mulher feia e mal-amada, que por isso se envolvia em assuntos masculinos, tornando-se "macha". Definir a feminista como não-mulher, como masculinizada, é uma estratégia para manter a imagem feminina inalterada, já que se excluem as feministas da categoria "feminino" e as demais mulheres, que não são feministas, muitas das quais submissas e inferiores, seriam as verdadeiras mulheres, verdadeiramente femininas.

O feminismo, por negar o padrão de feminilidade vigente e buscar uma nova identidade feminina, em muitos aspectos semelhante à identidade masculina - a busca de direitos iguais e de mesmo tratamento a homens e mulheres acaba por fazer com que as fronteiras simbólicas entre o masculino e o feminino se tornem obscuras, assemelhando homens e mulheres - além de causar reações masculinas de desprezo e o estereótipo da feminista como não-mulher ainda produz reações misóginas por parte

¹⁵ "As mulheres, a política e a defesa nacional", in *Careta*, n. 1282. São Paulo, 14.01.1933.

de muitos homens. O artigo já citado "Misoginia e Filoginia" é um típico exemplo deste tipo de argumentação para que a mulher não se meta em política - leia-se não se masculinize. A respeito do feminismo e de suas reivindicações de direitos políticos, este artigo diz o seguinte:

"Quanto à política, é de ver-se o sério inconveniente que à ordem social adviria se a coletividade fosse governada por sufragettes e spitters. A sensibilidade apurada, impressionismo pueril, contraste emotivo, garrulice, vivacidade de idéias, inconstância de opiniões, espírito de contradição e pirronismo - que caracterizam, a traços gerais, o espírito das multidões e a individualidade feminina, impedi-la-iam de tomar qualquer decisão a sangue frio."

Nesse discurso é construída a imagem feminina como inferior, pueril e inconstante, portanto seria melhor, para o futuro da sociedade, que a mulher não se metesse em política. Assim, o homem, superior, maduro e racional manteria sua identidade sexual inquestionada e as mulheres continuariam femininas; as referências sexuais para ambos os sexos ficam muito bem delimitadas, sem o perigo de uma masculinização das mulheres ou uma afeminação dos homens, o que seria prejudicial a todos - é claro, na visão dos homens.

Outra questão especialmente sensível a esta desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos é a questão da maternidade. E nisso os homens e as feministas liberais tendem a concordar, contrapondo-se à visão anarquista. As feministas libertárias, como já disse, pregavam a livre maternidade e até, se preciso, uma "greve dos ventres" - propostas que se chocavam com a imagem feminina vigente até então e com a moral burguesa defendida com ardor pelas feministas liberais. O ideal anarquista de amor livre e livre maternidade coloca a mulher em igualdade de condições com o homem em um dos pontos onde a masculinidade mais se afirma: o direito ao prazer, a ter prazer. O prazer era considerado até então um território eminentemente masculino, as mulheres faziam sexo para procriar ou por dinheiro - como as prostitutas, consideradas desviantes e até doentes. Como podiam então as anarquistas querer ter



Capa do jornal Pasquim, trazendo como subtítulo: "Um jornal ao lado da mulher. E, se for o caso, sobre e sob". Pasquim, n. 314, julho, 1975. Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

prazer? Estavam, na visão da grande maioria dos homens, apropriando-se de uma característica que os definia em relação ao feminino e questionando a própria virilidade masculina. Para as feministas liberais, esta proposta era uma afronta à moral, por elas defendida com unhas e dentes. Daí a quantidade de artigos na imprensa da época sobre a importância da maternidade e do papel principal da mulher - ser mãe -, como um alerta à sociedade, uma resposta do medo que estas idéias causavam. A *Revista Feminina*, na edição de janeiro de 1923, por exemplo, procura passar uma imagem do feminismo onde o que prevalece é a maternidade e a educação feminina para a maternidade, diferenciando-se do feminismo anarquista:

"Eis resumido o feminismo: a educação feminina, sob todos os pontos de vista. Torne-se a mulher capaz de pensar, sentir e agir por si e te-la-emos honesta, útil e feliz (...). Em todos os pontos em que a ação feminina se exerce, a moral é absolutamente observada; e os maus costumes, o alcoolismo, a falta de higiene, têm sido eficazmente combatidos.(...) Educar, eis a missão do feminismo."

A imagem feminina - e feminista - que se procura construir é a da mulher como provedora da moral e dos bons costumes através da maternidade, como a "salvadora da humanidade". Semelhante imagem aparece em outras revistas não feministas, como por exemplo no artigo intitulado "Feminismo" de uma revista de orientação socialista, que tem como subtítulo uma frase-*slogan* interessante neste sentido: "Para a maternidade: para o casamento não, nem para a política". Diz este artigo:

"Entretanto é exatamente para esse único fim almejado (o casamento) que não se preparam as mulheres. A missão mais nobre da mulher é ser mãe.

(...) O fim, o destino, o sentido geral da vida da mulher brasileira é o casamento. Somente depois dos dissabores, dos aborrecimentos, das decepções desse início de vida, vêem as revoltas e as tendências de libertação e de protesto contra este

cativeiro real e efetivo exercido pelos homens e pelas leis contra as mulheres.

(...) Pensam algumas mulheres, aliás ilustres, que a emancipação do sexo está no chamado feminismo com suas aspirações sufragistas e de representação nos parlamentos. Não; a libertação da mulher está no domínio incontestável do lar, no preparo educacional dos filhos, na influência predominante que exercerá sobre o homem (...)."¹⁶

Ou seja, a mulher só se volta à política depois dos "dissabores" de um casamento mal feito, pois está mal preparada e não percebe a sua sublime missão: a maternidade. Cá estamos nós de volta com a feminista como mulher "mal amada", pois caso contrário não iria se preocupar com política.

Mas não só as feministas causavam inquietação aos homens; duas novas figuras femininas passaram a circular nas recém-urbanizadas cidades, ocupando o espaço público e ganhando visibilidade social: a melindrosa e a prostituta - figuras estas que também inquietavam as feministas, tanto liberais quanto libertárias.

A prostituição, que se torna mais visível nas grandes cidades¹⁷ - com o surgimento das zonas de meretrício, dos bordéis e dos cabarés - gera reações de medo e indignação tanto nos homens quanto nas mulheres. A mulher tem medo de ser identificada com a prostituta, que era considerada desviante e recriminam suas atitudes e gestos espalhafatosos. Os anarquistas (tanto homens quanto mulheres) vêem a prostituição como um mal da sociedade capitalista que precisa ser combatido, e a prostituta como vítima desta sociedade. Os homens em geral recriminam a prostituição, vendo-a como uma degeneração social, mas continuam frequentando o meretrício e os cabarés. A medicina, e em especial os higienistas da época, alertavam contra o perigo da prostituta como transmissora de doenças, em especial a sífilis - um mal social.

¹⁶ "Feminismo", in *O Debate*, n. 04. Rio de Janeiro, 02.08.1917.

¹⁷ Veja-se a este respeito RAGO, Margareth. *Op. Cit.*, 1991.

A questão da prostituição, em geral, liga-se ao problema do prazer, que era considerado eminentemente masculino. Era difícil imaginar que uma mulher buscasse prazer ou quisesse sexo que não fosse para a procriação - daí a identificação da prostituta como desviante, doente, uma "degenerada nata" como afirmara o Dr. Lombroso. Caso contrário, se se admitisse que a mulher tinha direito ao prazer, ocorreria uma desestruturação da identidade feminina e masculina, uma equidade neste sentido entre os sexos, gerando uma desestabilização das fronteiras simbólicas, com homens e mulheres iguais. Apenas os anarquistas procuravam construir uma nova identidade feminina onde a mulher tivesse direito ao prazer, e para estes a prostituição não era um desvio das prostitutas, mas uma consequência da estrutura desigual da sociedade. José Oiticica, em artigo publicado na revista anarquista *A Vida* diz o seguinte acerca da prostituição:

"Enquanto houver burgueses que paguem seus prazeres com o dinheiro extorquido à massa dos trabalhadores reduzidos à fome, haverá prostitutas, haverá prostituição. Logo, a prostituição não é um mal necessário; é uma consequência necessária do regime social baseado na concorrência.

*(...) A sociedade atual baseada na concorrência impede o cultivo da solidariedade. A mulher atirada pela concorrência à miséria vale-se do casamento e da prostituição como remédio à pobreza."*¹⁸

Simultaneamente, surge a figura da "melindrosa", a mulher fútil que vive para *coquetterie* e cuja preocupação fundamental é a aparência e o flerte, sem demais interesses. Também repudiada pelas feministas, pelos anarquistas e pelos "homens de respeito" porque põe em risco a sociedade, por não apresentar preocupações sobre o futuro, acerca da

¹⁸ OITICICA, José. "O desperdício da energia feminina", in *A Vida*, n. 05. Rio de Janeiro, 31.03.1915.

educação para a maternidade, do trabalho ou de um ideal - como o Anarquismo. Para as feministas liberais, a imagem da mulher como melindrosa deveria ser combatida pois ela degradaria a sociedade, aproximar-se-ia da prostituta (na aparência e nos gestos) e abalaria a moral burguesa. Em artigo da revista *A Mensageira* n. 02, de 30 de outubro de 1897, a autora se dirige à mulher brasileira, procurando conduzi-la ao "caminho certo", longe das futilidades da melindrosa:

"...reunir, educar e enobrecer a mulher brasileira (...) para que se arranque(...) da preocupação do luxo ou dos passeios frívolos, que de nada lhe servem; e para que ela volte e se concentre no lar, de que é o centro luminoso e o foco mais distinto, na graça infantil da menina, nas promessas ridentes da sinhá, nas responsabilidades de esposa, nos deveres de mãe e nas agruras do chefe de família."

A revista feminista-anarquista *Renascença* também procura combater a figura da melindrosa, como se percebe no artigo "Iniciação à Maternidade", onde a autora, sob o pseudônimo de Kytta, prega a maternidade como função principal da mulher e se lamenta das jovens que não se preocupam em ser mães:

"Não será por certo a 'melindrosa', fragílima e artificial, enervada e preciosa, intelectual e pedante, fútil e egoísta, monstrozinho galante, antes e acima de tudo preocupada com o charme perigoso de sua graça e beleza de pecado - a mãe perfeita, a mãe ideal (...)." ¹⁹

Percebe-se então uma luta para se definir a identidade feminina - as feministas liberais visando a construir a imagem da mulher como mãe, educadora e moralizadora das futuras gerações; as feministas libertárias visando à mulher liberada econômica, intelectual e sexualmente; os

¹⁹ KYTTA. "Iniciação à maternidade", in *Renascença*, n. 03. São Paulo, 03.04.1923.

homens defendendo a mulher como mãe, dona de casa - mantendo a então identidade feminina inalterada para, assim, resguardarem a sua própria identidade inalterada. Luta esta de definição das identidades sexuais, que se repete no final do século XX, a partir do "movimento feminista organizado", como veremos.

1970/80/90 - "ELAS QUEREM É PODER": O FEMINISMO ORGANIZADO E A MASCULINIDADE EM XEQUE

Em 1967, a atriz Leila Diniz protagonizou o filme "Todas as Mulheres do Mundo", de Domingos de Oliveira, vivendo uma jovem questionadora. Daí até sua morte, no início dos anos 70, tornou-se mito e musa - mito da mulher emancipada, liberada e musa das mulheres que queriam se emancipar - levando a imagem de uma mulher livre de tabus, pregando o amor livre, a livre maternidade e se expressando publicamente sem "meias palavras". Em 1994, a cantora Rita Lee lança a música "Todas as Mulheres do Mundo", que se inicia com a frase "Elas querem é poder" e tem o sugestivo refrão:

*"Toda mulher quer ser amada
Toda mulher quer ser feliz
Toda mulher se faz de coitada
Toda mulher é meio Leila Diniz."*

De lá para cá, o que aconteceu com a mulher brasileira? Será que elas querem mesmo é poder, que são todas "meio Leila Diniz"? Difícil dizer, mas de fato a imagem da mulher brasileira mudou muito neste período. Desde meados da década de 60 o Brasil sofre profundas alterações sócio-econômicas: passamos por uma violenta ditadura militar que acarretou o atrofiamento da sociedade civil e o surgimento das guerrilhas organizadas pelos grupos de esquerda. Apesar disso, tivemos uma liberação de costumes - com a "revolução sexual", que deixou a questão da sexualidade mais exposta, em especial a questão do prazer e dos homossexuais; tivemos ainda a emergência do "movimento feminista

organizado", do movimento hippie, dos movimentos sociais em geral e uma enorme efervescência cultural - vide o Cinema Novo, o Tropicalismo, etc.

As mulheres, já cidadãs desde 1934, queriam mais: queriam não apenas votar, mas também salários iguais para um mesmo trabalho - já que, desde meados da década de 60 passaram a exercer profissões consideradas masculinas, de maior destaque; queriam ainda condições para que este trabalho feminino fosse possível, como creches, restaurantes públicos a preços acessíveis e lavanderias coletivas - para minimizar o trabalho doméstico e acabar com a dupla jornada de trabalho; queriam a aprovação do divórcio; queriam ter direito a métodos contraceptivos quando desejados (e não impostos, para o controle de natalidade do Estado); queriam o fim da impunidade masculina em casos de violência contra a mulher e, conseqüentemente, o fim da violência contra a mulher; em suma, queriam ser tratadas como iguais legal e socialmente.

O movimento feminista, obviamente, teve importância fundamental nestas mudanças no papel social da mulher no Brasil, na medida em que organizou estas reivindicações e procurou divulgar uma nova imagem feminina, que não se prendesse aos tradicionais estereótipos femininos, ao tipicamente feminino - que era tido como inferior.

No Brasil, o feminismo apareceu como movimento social organizado em meados da década de 70, em meio à ditadura militar²⁰. E as reivindicações feministas no período, como em todos os países onde o feminismo se manifestou, visavam à igualdade de direitos em relação aos homens, igualdade salarial para um mesmo trabalho desenvolvido,

²⁰ Veja-se a este respeito MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Família e feminismo: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres*. Tese de Doutorado, USP, 1994; PONTES, Heloísa. *Do Palco aos bastidores: O S.O.S. Mulher (SP) e as práticas feministas contemporâneas*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1986, e GOLDBERG, Anette. "Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político", *BIB* n. 28, Rio de Janeiro, Vertice/ANPOCS, 1989.

direito a creches, etc. Ou seja, era o "feminismo da igualdade"²¹. Esta primeira onda feminista propõe, como o próprio nome sugere, uma igualdade de direitos entre mulheres e homens, incorporando os valores masculinos, sua razão e concepção ditas neutras e universais; isto é, não questiona as estruturas mentais da cultura masculina, exigindo que a mulher seja tratada como o homem.

O ano de 1975, Ano Internacional da Mulher da ONU, promoveu a abertura necessária para que, no Brasil da ditadura, as mulheres se organizassem e passassem a reivindicar seus direitos. Surgem os primeiros grupos feministas organizados e, conseqüentemente, a imprensa feminista. Neste mesmo ano aparece, em Londrina, o jornal *Brasil Mulher*, do grupo Brasil Mulher, e, no ano seguinte, o jornal *Nós Mulheres*, da Associação de Mulheres, em São Paulo. É importante ressaltar que o movimento feminista deste período esteve ligado à esquerda marxista brasileira, fato que repercutiu claramente na orientação destes jornais. Esta imprensa feminista então privilegiava, ou tinha como "alvo", as mulheres pobres e trabalhadoras, as mais oprimidas. Os artigos e as matérias reivindicavam igualdade salarial, luta por creches, lavanderias coletivas, restaurantes populares, colocavam-se contra o alto custo de vida, a favor da anistia, etc. A solução para a dupla jornada de trabalho da mulher (em casa e na fábrica) era então socializar o trabalho doméstico, para que a sociedade como um todo arcasse com ele e a mulher e o homem pudessem ter as mesmas oportunidades e responsabilidades.

Esta priorização da mulher pobre e trabalhadora e de seus problemas mais específicos pode ser claramente percebida nos artigos dos jornais, como por exemplo no editorial do jornal *Nós Mulheres* n. 07, de março de 1978:

²¹ Veja-se a este respeito DOSSIER "Feminismo, entre la igualdad e la diferencia", in *El Viejo Topo*. Barcelona, março 1994; CASTELLANOS, Gabriela. "Crisis de identidad en la teoria feminista", in *Revista Feminina de Cali*, n. 09, Colombia, 1994; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *O elogio da diferença*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

"(...)Que as coisas fiquem claras: mantemos a firme convicção de que existe um espaço para a imprensa feminista, que denuncia a opressão da mulher brasileira e luta por uma sociedade livre e democrática. Acreditamos que a liderança da luta feminista cabe às mulheres das classes trabalhadoras que não só são oprimidas enquanto sexo, mas também enquanto classe. No Brasil, dada a incipiência da organização de todos que lutam por uma sociedade democrática, e em particular, da organização das mulheres, essa liderança ainda não foi assumida. E esse é o grande desafio que enfrentamos. Será somente quando os movimentos amplos de mulheres das classes trabalhadoras e os atuais grupos feministas - em geral, mulheres pertencentes à classe média que tiveram acesso mais fácil ao conhecimento - integrem-se como um todo orgânico, que o feminismo se tornará uma força concreta de transformação social."

Percebe-se neste trecho, uma atitude claramente paternalista (ou seria melhor dizer maternalista?) destas feministas em relação às mulheres de classes mais baixas - que não tiveram acesso tão fácil ao conhecimento. A feminista - geralmente proveniente da classe média - é quem se vê com este desafio pela frente, de levar o movimento feminista às classes trabalhadoras, para que as mulheres trabalhadoras tomem o seu "lugar natural de liderança" do movimento feminista - de acordo com as próprias palavras das feministas.

É interessante notar também nestas críticas e reivindicações - como a exigência de creches, restaurantes populares, etc. - que não é proposta uma mudança na mentalidade masculina, para que o homem passe a ajudar nos trabalhos femininos. O Estado é quem, na concepção das feministas, deve arcar com as responsabilidades do trabalho doméstico, enquanto que a mulher passaria a viver como o homem, abandonando estes trabalhos e, conseqüentemente, toda uma vivência e experiências de vida a eles ligadas. É esta a igualdade buscada por estas feministas: que a mulher seja tratada como o homem, que tenha os mesmos direitos e deveres.

Neste primeiro momento do "movimento feminista organizado" brasileiro, as feministas abandonaram os estereótipos femininos vigentes, desconsiderando em grande parte a feminilidade, como uma estratégia para que a mulher deixasse de ser tida como inferior, já que o tipicamente feminino era considerado, por grande parte dos homens, como supérfluo, desnecessário, fútil e sem importância. Para que a mulher e o homem fossem tratados como iguais, as feministas assumiram o comportamento, os códigos de sociabilidade, os parâmetros, a linguagem e as referências masculinas e abandonaram alguns referenciais femininos - como a moda, a estética, os cuidados de si, a cozinha, a casa, os cuidados com os filhos, etc.

A imprensa feminista "da igualdade" no Brasil, que conta com os jornais *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*, deixa clara esta promoção de uma nova imagem feminina livre dos estereótipos femininos até então em vigor. O jornal *Brasil Mulher*, já no editorial de seu primeiro número, de 09 de outubro de 1975, traduz este projeto numa linguagem que procura mostrar a mulher que deseja emancipar-se como intelectualmente igual ao homem e, por isso mesmo, desprezando e inferiorizando a feminilidade:

"(...)A época do beicinho está definitivamente para trás, porque milhares de mulheres em todo mundo fazem jornada dupla de trabalho, num esforço físico que faz com que uma jovem de 30 anos pareça estar com mais de 50; mulheres que desejam trabalhar e serem independentes economicamente de seus maridos, são obrigadas a levar uma vida ociosa, sem nenhuma perspectiva de serem consideradas como seres que pensam; a prostituição aumenta constantemente e é a única saída para as moças que chegam do interior para a cidade. E finalmente porque o homem já desceu na lua e, portanto, nada mais lógico que reivindicar uma vida mais justa aqui neste planeta terra. Queremos usar a inteligência, informação e conhecimento em função da igualdade e, desde já a propomos, como equidade entre homens e mulheres de qualquer latitude."

Caracterizar o feminino como "beicinho" é utilizar-se da linguagem e dos parâmetros masculinos para falar da própria mulher - seja a que "está definitivamente para trás", seja a não-feminista. Portanto, ao incorporar estes parâmetros e inferiorizar um modelo de feminilidade, as feministas estavam buscando valorizar as mulheres e desvalorizar o "estilo sedutor". O jornal *Nós Mulheres*, embora menos ferrenhamente, também incorpora estes parâmetros e despreza este modelo de feminilidade, como se vê no artigo "Tá na cara, você não vê?" da edição nº 06, de agosto/setembro de 1977, que apresenta várias fotos contrastando anúncios publicitários com lindas mulheres e a "mulher de *Nós Mulheres*", isto é, a trabalhadora mal tratada, duplamente explorada - como classe e como sexo - com o seguinte comentário:

"A propaganda é uma mentira, um mundo ilusório que cria todo dia novas necessidades. Absolutamente desnecessárias. E cuidado: se você não tiver isso bem claro, pode começar a odiar a sua própria imagem, porque não tem a pele branca e macia, o rosto sem rugas, os cabelos loiros ou aquele corpo fantástico. Nós Mulheres somos fortes, mas a propaganda nos faz frágeis, burras e "gostasas"; porque é assim que a sociedade nos usa para vender seus produtos. No entanto somos tantas. E por trás dessas imagens há força, inteligência, trabalho, miséria. E opressão."

O artigo acaba por contrapor a beleza, ou a "gostosura" à inteligência e à força, já que as gostosas são as frágeis e burras. De novo, há uma apropriação dos parâmetros masculinos para falar da mulher não-feminista (a popular idéia da "loira burra", até hoje muito presente), e dizer como a mulher que deseja se emancipar deve se comportar: ignorando a aparência, a beleza, com inteligência e força - como um homem.

O "movimento feminista organizado", tanto no Brasil quanto nos outros países em que se manifestou desde a década de 60, além do projeto de construir uma nova identidade sexual para a mulher, incitou respostas tanto dos homens quanto de algumas feministas.

A resposta feminista foi o chamado "feminismo da diferença"²², que busca então valorizar a cultura feminina, procurando desconstruir os conceitos (provenientes da cultura masculina dominante) sobre o que é ser mulher. Pretende uma nova forma de pensamento e ação femininas que não se vincule à cultura masculina, propondo que a mulher não se masculinize ou incorpore os valores masculinos, mas sim que acrescente os valores femininos, a feminilidade à cultura masculina. Os homens e as mulheres são vistos como diferentes enquanto grupos e internamente aos grupos e esta diferença não deve ser esquecida ou anulada, mas trazida à tona para que os diferentes possam se complementar e produzir algo de novo.

Alguns grupos feministas adotaram esta nova perspectiva feminista, que buscou valorizar a mulher e o feminino, e não se masculinizar e adotar parâmetros masculinos. Em São Paulo, o jornal *Mulherio*, que circulou de 1981 a 1988, pode ser considerado, em muitos aspectos, um jornal do "feminismo da diferença". O editorial do nº 0, de março/abril de 1981 é esclarecedor neste sentido:

"Por que Mulherio?"

Mulherio. Quase sempre, a palavra é empregada em sentido pejorativo, associada a histerismo, gritaria, chatice, fofocagem ou, então, 'gostosura'. Mas qual é a palavra relacionada à mulher que não tem essa conotação? O próprio verbete 'mulher' já é apresentado no dicionário de forma especial. Segundo o consagrado Aurélio Buarque de Holanda, mulher é: '1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade; 2. esposa.' Em seguida à definição, vêm as composições usualmente feitas com a palavra: 'à toa', 'da comédia', 'da rua', 'da vida', 'da zona', 'da rótula', 'do fado', 'errada', 'perdida', etc. - todas sinônimos de meretriz. As três exceções: 'mulher de César' (de reputação intocável), 'mulher de piolho' (muito teimosa) e a cinematográfica 'mulher fatal'.

²² Veja-se a este respeito DOSSIER "Feminismo, entre la igualdad e la diferencia", *op. cit.*, 1994, e CASTELLANOS, Gabriela, *op. cit.*, 1994.

Consulte no mesmo dicionário as composições feitas com o verbete 'homem': 'de ação', 'de bem', 'de Estado', 'de letras', 'de negócios', etc.

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que 'as mulheres'. É o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e conseqüente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática."

O fato de pretender "recuperar a dignidade, a beleza e a força" das mulheres vai nesta direção: a valorização do feminino e a tentativa da construção de uma identidade feminina longe dos estereótipos da feminista como não-mulher e da mulher como inferior ao homem. Valorizar o feminino como diferente do masculino, mas não como inferior.

Outra questão levantada neste editorial, esta mais específica ao feminismo brasileiro é a questão deste estar ligado à militância política e à esquerda, que sempre deixaram de lado a sexualidade, a feminilidade, como questões secundárias, a serem resolvidas após a resolução das desigualdades sociais. O artigo "Lutar, mas também amar e ser feliz", de Verônica Guedes, da Frente Feminista 4 de julho, de Fortaleza, mostra claramente como este jornal, dado o próprio momento que estava vivendo a sociedade brasileira (um momento de maior abertura política) e conseqüentemente o movimento feminista, tinha uma nova visão sobre esta questão da luta política e do feminino/feminismo:

"Eu, como tantas outras mulheres, cheguei ao movimento feminista oriunda dos movimentos políticos mais gerais. Cheguei, como tantas outras, com todas as dificuldades em reconhecer e assumir o 'pessoal' como político, tateando uma vivência de descobertas incríveis. Era como se no meu armário o tempo todo tivesse à minha disposição uma linda roupa colorida com poderes de me fazer amar a vida, a natureza e ao próximo, sem perder a minha identidade e eu preferisse optar

por uma velha roupa cinzenta com uma enorme cruz pregada nas costas, em nome de uma vida, um amor e um futuro não muito próximos e com uma identidade assexuada.

(...) Não pensamos em trocar fuzis por flores, nem abrimos mão de lutar por uma sociedade mais humana e justa. Queremos participar da construção dessa nova sociedade, mas queremos também amar, ser felizes e alegres com a mesma intensidade com que sofremos pela nossa trágica realidade social e, para isso, precisamos de uma identidade, de nossa identidade de mulher-sexo feminino e não de uma triste militância assexuada."²³

As críticas à masculinização das mulheres emancipadas (percebida na linguagem e nos comportamentos "imitados" do universo masculino) é uma constante no jornal, na busca de definir uma nova feminilidade, feminina mas não subjugada. O artigo de Maria Rita Kehl, "Imitação da Liberdade", vai nesse sentido, ao afirmar que as mulheres perderam, e muito, em termos de afetividade, ao se comportarem como homens em relação ao sexo:

"A dupla moral sexual nos oprimia mas num primeiro momento só conseguimos desfazê-la adotando a moral masculina. É claro, saímos da condição de oprimidas brandindo a lei do opressor (mas eu não disse que o opressor é simplesmente o macho, o ser masculino) e tentando igualar-nos a ele. Tentamos ser fálicas. 'Se ele pode eu também posso'. Conseguimos nos libertar da obrigatoriedade do casamento como condição para o prazer, mas com isso perdemos também o que havia de mais íntegro em nós, aquilo que a mulher tem para ensinar ao homem se quiser a integração entre a sexualidade e a afetividade, entre a opressão do desejo e a expressão da carência, entre a possibilidade do orgasmo e a possibilidade da sexualidade.

²³ GUEDES, Verônica. "Lutar, mas também amar e ser feliz", in *Mulherio*, n. 03. São Paulo, set.-out. 1981.

(...) Assim, tentamos crescer e nos colocar em pé de igualdade com o homem, assumindo as posturas, as mentiras, os símbolos e o teatro da sexualidade dominada pela ótica masculina. Pobres de nossas subjetividades: vamos para a cama e não encontramos mais nada lá. Às vezes nos flagro, mulheres, fazendo sexo como fazem os homens."²⁴

Além dessas críticas à incorporação de "defeitos" masculinos ao invés de tentar modificar os homens, acrescer-lhes algo, há ainda a tentativa de construção de uma nova imagem feminista, que possa ser mais facilmente aceita pelos homens e principalmente pelas mulheres, que não cause medo de ser considerada como não mulher, como ocorria muitas vezes. Ocorre, então, a aceitação da feminilidade e do feminino para a feminista, além de uma busca de não apenas mudar o Estado, as leis, mas os homens e a sociedade como um todo.

Já a resposta masculina às primeiras reivindicações feministas por igualdade de direitos e de tratamento, pode ser percebida de duas maneiras: pela construção do já conhecido estereótipo da feminista como não-mulher (desde as primeiras manifestações feministas do início do século), como feia e mal amada; e através de uma crise de masculinidade, que culminou, na década de 80 no surgimento dos *Men's Studies* nos Estados Unidos, e na criação de alguns grupos de reflexão masculinos - tanto no Brasil quanto no exterior.

Classificar a feminista como "macha", não-mulher, foi uma forma de conservar a identidade feminina, das não feministas, intacta. Nesta ótica, só as feministas, estas sim, feias e mal amadas, é que se masculinizaram. As charges e comentários dos "meninos" do Pasquim, e muitos outros comentários da imprensa à época são exemplos claros da construção desta imagem negativa e excêntrica da feminista. É claro, também, como este estereótipo se alastrou por toda a sociedade, de modo

²⁴ KEHL, Maria Rita. "Imitação da liberdade", in *Mulherio*, n. 04. São Paulo, nov.-dez. 1981.

que muitas mulheres emancipadas nunca se consideraram feministas e tinham horror ao rótulo:

"(...)Feminista é palavra maldita. Baixo astral. Os meios de comunicação se aprimoram nessa coisa. Prá eles (salvas as honrosas exceções) feminismo é no mínimo sinônimo de histérica e frustrada. Ora, nenhuma mulher quer se identificar com tal imagem. É claro que as mais inteligentes (ou quem sabe as mais corajosas) não estão nem aí para rótulos e nem devem estar mesmo. Mas está na hora de nós, feministas, lutarmos também pela recuperação desta palavrinha, pela dignidade do rótulo. Somos feministas, sim, e com honra, muito amor e muito sucesso. Qualquer mulher que identifique sua própria discriminação, qualquer mulher que defenda a igualdade de oportunidades para os sexos, qualquer mulher que não se sujeite às 'facilidades' inerentes à postura de "sexo frágil", qualquer mulher que questione a desigualdade entre homens e mulheres, queira ou não queira, é feminista (...)."25

Mas a construção de um estereótipo da feminista como histérica e frustrada - ou feia a mal amada - não foi a única resposta masculina. É interessante notar que não só as feministas, mas grande parte das mulheres passaram a reivindicar direitos frente aos homens e a alterar seu comportamento, já que mesmo as revistas femininas, não feministas, passavam este ideal. São claros os exemplos de revistas de grande circulação, que portanto atingiam grande número de mulheres - bem mais que a imprensa feminista - como *Cláudia*, *Nova* e *Mais*, que trazem uma nova imagem feminina, menos submissa, mais participativa do espaço público, mais liberada sexualmente. A coluna de Carmen da Silva na *Cláudia*, desde 1965, trazia idéias tidas como feministas, abordando temas como divórcio, sexualidade, o direito a trabalhar, etc., dentro de uma revista típica da esposa-mãe-dona de casa. Artigos da revista *Mais*,

²⁵ VASCONCELLOS, Isabel. "Feminista? Quem? Eu???", in *Mulherio*, n. 39. São Paulo, abr.-maio 1988.

desde 1973, já falavam do feminismo - como os artigos "Segundo a honra, o homem pode matar. Mulher não. Que é isso?" de *Mais* nº 01, agosto de 1973, onde se discute a violência contra a mulher, ou "Feminismo - Os caminhos para a liberdade da mulher. Quais são?", da mesma edição, que explica o feminismo, ou ainda o artigo "Feminismo - Da luta pelo voto de nossas avós ao grupo de conscientização", da edição de nº 02, de setembro de 1973, que faz uma retrospectiva das lutas feministas - antes até do surgimento da imprensa feminista (*Brasil Mulher* é de 1975, *Nós Mulheres* é de 1976 e o *Mulherio* é de 1981). A *Nova* trazia, desde a década de 70, a imagem da mulher liberada sexualmente, ativa, trabalhadora, moderna - em geral, mulheres solteiras liberadas pós revolução sexual.

É claro que esta grande imprensa ajudou na incorporação dos pressupostos feministas por grande parte das mulheres, que também modificaram seu comportamento e, mesmo não sendo feministas, passaram a questionar a identidade masculina e sua dita superioridade. Com essa incorporação "feminista" em massa, aliada ao "movimento feminista organizado", deflagra-se uma crise na identidade masculina. Quando a mulher passa a redefinir sua identidade sexual e se aproxima da identidade masculina, adotando seus valores, referências e comportamentos, o homem já não sabe mais distinguir-se, não consegue mais ver-se como o Homem, modelo e norma humana.

Os *Men's Studies*, que têm proliferado nos últimos anos, em especial nos Estados Unidos, buscam repensar a idéia de masculinidade, questionando o pensamento tradicional que considera o homem como norma humana, e exclui o gênero masculino em particular. Os homens, agora, querem ser vistos enquanto um dos gêneros e não mais como o Homem - ser universal. Esta crise de masculinidade, aqui no Brasil, deixa-se transparecer em artigos de revistas femininas e de jornais feministas. O artigo do economista Aloízio Mercadante demonstra essa perda da identidade sexual masculina e a conseqüente crise de masculinidade pela qual os homens passaram pós-feminismo:

"(...) *E nós homens? A identidade de 'ser homem' nos estreitos limites que o machismo nos impõe não nos transforma*

em opressores e oprimidos? Tem sido difícil amar nesses tempos, e impossível crescer afetivamente na camisa de força do machismo.

(...) Ser macho é pobre, é triste, é cinza. Quando nossa imagem de macho se vê ameaçada é um pavor tão incrível que só podemos virar 'lobisomem' - meio homem, meio bicho. Então somos capazes de bater, espancar e com uma certa frequência até matar 'a mulher que amamos'. Na Torre de Babel da intelectualidade, os instrumentos de poder e de dominação já se sofisticaram. Como não conseguimos admitir o desejo de nossas companheiras por outro, matamos afetivamente e o desprezo dá lugar à violência física. A alternativa? Tem sido a falsa segurança das gaiolas de ouro que asseguram nossos casamentos, e que em regra tem transformado a possibilidade de uma relação a dois em um marasmo afetivo sem qualquer poesia.

(...) Que privilégios são esses que nos fazem estrangeiros no mundo feminino? Não dá mais para responder com piadinhas e gracejos às tentativas de reconstruirmos nossas identidades - homens e mulheres. E assumirmos a afetividade, carinho, sensibilidade, não creio que seja assumirmos nosso lado mulher; não creio que ternura tenha que ser monopólio de 'ser mulher'. O feminismo tem apontado esses problemas, mas muitas vezes nos ameaça e não nos transforma. Temos estado paralisados, atônitos diante da vontade de crescer e se libertar das mulheres. Mas também temos algo a dizer; há que assegurá-lo."²⁶

A revista *Cláudia* também traz artigos sobre esta crise da identidade masculina, como o artigo "Homens à beira de um ataque de nervos", da edição nº 01, ano 33, de janeiro de 1993, que fala sobre a crise de masculinidade no Brasil e sobre um grupo de homens em São Paulo onde se discute a condição masculina - o Grupo do Homem. Neste grupo, os homens discutem e questionam a sua identidade, seus anseios e dúvidas,

²⁶MERCADANTE, Aloízio. "Ser macho é cinza", in *Mulherio*, n. 07. São Paulo, jul.-ago. 1982.

nos moldes dos grupos de reflexão feministas; estes homens, que com o feminismo passaram a participar do universo privado, dividindo serviços domésticos com a mulher e competindo com ela em todas as áreas no mercado de trabalho, perderam seu norte, suas referências de masculinidade e têm muitas dúvidas e queixas, como o arquiteto Guilherme Wendel, do Grupo do Homem de São Paulo, que diz:

"A geração dos meus pais herdou comportamentos definidos. A minha já não teve esta sorte e debate-se em busca de padrões. E culturalmente ainda carregamos o peso da timidez quando queremos falar de nossos limites e fraquezas."

Neste depoimento, ainda se pode perceber, além da busca de uma identidade, da definição do papel masculino, uma queixa dos homens quanto à obrigação de serem durões e insensíveis, e uma busca de assumir o lado emotivo, sujeito a fraquezas e erros, sem vergonha ou preconceito por parte da sociedade. Os homens, agora, querem também assumir seu lado frágil, e, segundo o artigo:

"...os homens desejam afastar-se da imagem do chefe da família que decidia tudo impassivelmente, sem demonstrar seus sentimentos. Ao contrário, reivindicam o direito à sensibilidade."

Ambos os artigos vão na mesma direção: com as mulheres adquirindo características masculinas, os homens passam a se questionar e a se redefinir, numa busca da sensibilidade, da emoção, até então consideradas características tipicamente femininas. Difícil delimitar as fronteiras simbólicas entre os sexos com os homens querendo se "feminilizar" através da sensibilidade e da emoção e as mulheres se masculinizando no espaço público.

Mas o feminismo e sua repercussão na sociedade não podem ser atribuídos como a única causa desta crise de masculinidade. Não podemos deixar de constatar que, com a revolução sexual, há uma maior abertura para a exposição de sexualidades alternativas e o

homossexualismo, em especial o masculino, torna-se mais aparente. Será que há algo de mais inquietante à masculinidade do que Fernando Gabeira desfilando em tanga de crochê, ou mesmo a atitude irreverente e liminar (entre o homossexual e o heterossexual) de Caetano Veloso?

Outra evidente demonstração dessa desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos é a moda. A partir dos anos 60, a moda passa a investir em roupas masculinas, na "linha" masculina, em um feminino mais ousado e também nos trajes esportivos e unissex²⁷.

Ou seja, no campo das aparências, no espaço público, o masculino e o feminino já não são mais facilmente identificáveis: a mulher passa a usar roupas até então consideradas masculinas (calça, blazer, etc.) e o homem, por sua vez, abandona a ditadura das cores neutras ou escuras, e passa a utilizar roupas mais coloridas, ainda que seja no vestuário esportivo ou de lazer. A mulher, ainda, passa a utilizar cabelos curtos e masculinos (vide o famoso corte "Joãozinho" de Elis Regina) e os homens podem utilizar, se assim o desejarem, cabelos compridos (acredito que John Lennon e Yoko Ono são um bom exemplo desse tipo de unificação das aparências).

A moda também acaba por incorporar as reivindicações e, principalmente, as conquistas feministas, adotando, portanto, uma maior igualdade entre os sexos; mas ainda assim não ocorre uma homogeneização: as mulheres usam roupas consideradas masculinas mas continuam femininas. Permanece uma diferença sutil, mas perceptível na moda para os sexos: as roupas masculinas usadas pelas mulheres são adaptadas ao feminino, algo como que remontadas para "encaixarem" na mulher. E os homens, por mais que tenham se libertado da "ditadura do cinza" não incorporaram ao seu vestuário peças essencialmente femininas, como saias e vestidos.

Ocorre uma democratização da moda: não há mais um padrão rígido de aparência feminina ou masculina, há uma maior troca de signos da

²⁷ Veja-se a este respeito LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

moda entre os sexos, mas não se pode dizer que as mulheres se masculinizaram e os homens se "afeminaram" por isso. No entanto, também já não são mais facilmente distinguíveis.

As revistas femininas, como *Cláudia*, *Mais* e *Nova*, que a partir de meados dos anos 60 já incorporaram alguns pressupostos feministas, também trabalharam com esta questão das aparências. A mulher moderna, emancipada, para estas revistas era basicamente uma mulher que tinha liberdade de se vestir "como homem", sem deixar de ser feminina - aspecto este praticamente ignorado pelo feminismo. Essa imprensa feminina aliava a algumas reivindicações feministas a feminilidade, numa tentativa de construção de uma nova imagem para a mulher, ao mesmo tempo emancipada e feminina.

Mais uma vez, como ocorreu com o período compreendido entre o final do século XIX e o início deste século, há uma desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos e a conseqüente busca de definição de novas imagens femininas e masculinas por parte dos homens e mulheres em crise. Da feminista "macha" aos homens sensíveis, talvez cheguemos ao século XXI mais equilibrados, nem tão tipicamente masculinos ou femininos, respeitando diferenças e admitindo a igualdade. Talvez...

BIBLIOGRAFIA

BADINTER, Elisabeth - *XY de La Identidad Masculina*, Colômbia, 1994.

CASTELLANOS, Gabriela - "Crisis de identidad en la teoria feminista",
in *Revista Feminina de Cali - Les Pommés de La Discordia* n.
09. Colômbia, 1994.

DOSSIER "Feminismo, entre la igualdad e la diferencia", in *Revista El Viejo Topo*. Barcelona, março 1994.

GOLDBERG, Anette. "Feminismo no Brasil contemporâneo: O percurso intelectual de um ideário político", in *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, nº 28. Rio de Janeiro, Edições Vértice/ANPOCS, 1989.

LE RIDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. S.l., Civilização Brasileira, 1992.

LEITE, Míriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Ática, 1984.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da mulher: Revista Feminista e Feminina (1916-1925)*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1991.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Família e feminismo: Reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1994.

MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *O elogio da diferença: O feminismo emergente*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PONTES, Heloísa - *Do palco aos bastidores: O S.O.S. Mulher (SP) e as práticas feministas contemporâneas*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1986.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar; A utopia da cidade disciplinar*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite; Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

FONTES PRIMÁRIAS

Jornais:

O Operário - Semanário Catholico Popular, São Paulo, 1921-1934.

Brasil Mulher, Paraná, São Paulo, 1975 a 1980.

Nós Mulheres, São Paulo, 1976 a 1978.

Mulherio, São Paulo, 1981 a 1988.

Pasquim, Rio de Janeiro, 1975-1976.

Revistas:

A Mensageira, São Paulo, 1897 a 1900.

Revista Feminista, São Paulo, 1914 a 1936.

Renascença, São Paulo, 1923.

Aurora, São Paulo, 1905.

A Vida, Rio de Janeiro, 1914-1915.

Nossa Terra, Rio de Janeiro, 1919-1920.

Melina Izar Marson

O Debate, Rio de Janeiro, 1917.

Careta, São Paulo, 1919, 1922, 1927, 1933.

Cláudia, São Paulo, 1991, 1993.

Mais, São Paulo, 1973 a 1975.